



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**JONATHAN ARAÚJO GUIMARÃES**

**O REFLEXO DO COMPLEXO: Fraternidade, Personalidade e  
Psicanálise**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2014**

**JONATHAN ARAÚJO GUIMARÃES**

**O REFLEXO DO COMPLEXO: Fraternidade, Personalidade e  
Psicanálise**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em 2014.

Orientadora: Regina Celi Sales Nóbrega de Santana

CAMPINA GRANDE – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G963r Guimarães, Jonathan Araújo.  
O reflexo do complexo [manuscrito] : fraternidade,  
personalidade e psicanálise / Jonathan Araújo Guimarães. - 2014.  
18 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e  
da Saúde, 2014.  
"Orientação: Profa. Ma. Regina Celi Sales Nóbrega de  
Santana, Departamento de Psicologia".

1. Relações fraternais. 2. Complexo de Édipo. 3. Relações  
familiares. I. Título.

21. ed. CDD 150

JONATHAN ARAÚJO GUIMARÃES

**O REFLEXO DO COMPLEXO: Fraternidade, Personalidade e  
Psicanálise**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação em Psicologia da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de Bacharel/Licenciado em 2014.

Aprovado em 16/07/2014.



Prof. M.a. Regina Celi Sales Nobrega de Santana / UEPB  
Orientadora



Prof. M.a. Jorge Dellane da Silva Brito / UEPB  
Examinador



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Caradêncio / UICG, UEPB  
Examinador

## O REFLEXO DO COMPLEXO: Fraternidade, Personalidade e Psicanálise

GUIMARÃES, Jonathan Araújo<sup>1</sup>

“Desde antes de teu nascimento já me tomaste minha vida e, morrendo, mais uma vez a arrebataste, cada vez roubando-me o amor materno”  
Antígona à sua irmã (KAËS, 2011, p.212)

### RESUMO

Neste artigo de revisão bibliográfica, será analisado e discutido os trabalhos já publicados de base psicanalítica, recorrendo algumas teorias e pesquisas, acerca das vicissitudes na relação entre irmãos. De maneira geral, na psicanálise, observamos diversas contribuições sobre a importância da relação fraternal na constituição do sujeito. Porém, a temática do Complexo Fraternal, é por muitas vezes apresentada como uma parte de menor significância diante de outras temáticas, tais como o Complexo de Édipo. Atualmente já dispomos de diversas pesquisas e obras teóricas que tratam da forma como a relação fraternal repercute na personalidade de cada membro de uma fratria. Tomamos o conceito de Fraternidade para além dos laços consanguíneos, estendendo-se a toda relação em que se evidencie a função fraternal, incluindo aqui os filhos únicos. Este trabalho remontará ao pensamento psicanalítico nas contribuições de autores clássicos até ao pensamento de dissidentes, onde todos concordam, cada um na sua perspectiva, sobre a relevância do Complexo Fraternal na dinâmica familiar, e desta forma, no desenvolvimento da subjetividade de todo indivíduo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Complexo Fraternal. Complexo de Édipo. Função fraternal.

A citação introdutória faz referência a tragédia grega de Sófocles, de mesmo nome; Antígona, filha-irmã do Édipo Rei, uma vez que Édipo casa-se e tem filhos com sua mãe, Jocasta. Temos desde as narrativas mitológicas os mais antigos registros da presença do Complexo Fraternal, ao passo que encontramos a conjectura de outro complexo, e mais destacado, chamado por Freud de Complexo de Édipo. A mitologia grega traz na sua gênese a narrativa sobre a origem dos primeiros deuses, os titãs. Em resposta ao sufocamento que Urano exerce sobre Gaia, seu filho Cronos, castra seu pai, criando a separação entre os dois. É este mesmo Cronos que impede o desenvolvimento

---

<sup>1</sup> Graduando em bacharelado e licenciatura de Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: jagpsi@hotmail.com

dos seus filhos com Gaia; e outra vez, Gaia junto com os filhos, contra o domínio de poder do pai, contribui com a revolta dos primeiros deuses do Olimpo, liderados por Zeus, contra os titãs. Assim como Freud reportou-se à mitologia grega para desenvolver o conceito do Complexo de Édipo, temos no mesmo berço cultural e filosófico, os caminhos introdutórios para desenvolvermos a representação do Complexo Fraternal. Tal conceito está presente nas mais diversas sociedades, sob a forma das mais variadas narrativas míticas, diversas culturas apresentaram a temática fraternal. Seja com os gregos, através dos deuses do Olimpo, ou com Apolo e Ártemis; seja na cultura judaico-cristã, com Caim e Abel, Isaque e Ismael, Jacob e Esaú, José do Egito e seus irmãos, Moisés e Arão; seja com os romanos, com Rômulo e Remo, ou Castor e Pólux; seja com os africanos, Ogum e Exú; ou ainda com os egípcios, em Osíris e Seth, Neftis e Osíris.

Segundo Kancyper (1999, p. 63), ao fim da vida Freud admite a importância do complexo fraternal, embora não o tenha estudado de forma sistemática como o fez com o Complexo de Édipo. Kancyper afirma que o complexo fraternal está presente na forma fantasmática singular dos duplos no “interjogo” da dinâmica narcisista, quer interagindo ou não na dinâmica edípica. Para o autor, algumas fantasias são inerentes a fratria, como destaca: fratricidas (Caim e Abel); furtivas e de excomunhão (Esaú e Jacob); de gemelidade (Rômulo e Remo); de bissexualidade (o mito de Narciso segundo a versão de Pausânias<sup>2</sup>); de complementaridade (Moisés e Araão); e de confraternidade (reconciliação de José com seus irmãos).

Na Psicanálise poucas obras foram escritas sobre o reflexo do Complexo Fraternal na personalidade, ao compararmos com as demais temáticas que norteiam o desenvolvimento psíquico dos sujeitos. Tomando o conceito de “Complexo”, no viés psicanalítico, temos que é:

Um conjunto organizado de representações e de investimentos inconscientes, constituído a partir dos fantasmas e das relações intersubjetivas nas quais a pessoa toma seu lugar de sujeito desejante em relação a outros sujeitos desejantes. (KAËS, 2011, p.15)

Dito isto, teremos por Complexo Fraternal a relação dentro da fratria, que compreende um conjunto de sentimentos, dos afetos e desafetos expressos nos “desejos amorosos, narcísicos e objetivos, do ódio e da agressividade” (KAËS, 2011, p.16) para um

---

<sup>2</sup> Há quatro versões do mito de Narciso, a mais recente é de Pausânias escrito no século II, e nesta variante do mito encontramos as temáticas psicanalíticas de autoerotismo e androgenia (UBINHA & CASSORLA, 2003).

outro, tido como intruso, semelhante e diferente de mim, que é visto como irmão ou irmã.

Atribuimos à conceituação de “*personalidade*” as características subjetivas que configuram a ação do ser nas esferas psicofísica, sócio e cultural; dentre várias definições, recorremos a de Allport, do Dicionário de Psicologia e Psicanálise (1971, p.286): “É a organização dinâmica, no indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam a sua adaptação única ao meio social”.

Benghozi e Féres-Carneiro (2001) compreendem a fratria como uma entidade psíquica grupal com um aparelho psíquico específico, diferente da soma dos psiquismos individuais dos irmãos que constituem o continente grupal da fratria. Nesse sentido, o laço fraterno é definido pelo laço de filiação, ser irmão da mesma família, diferenciando de relação fraterna, remetendo-se para a forma como a relação ocorre, amistosa ou conflituosa, próxima ou distante.

A estruturação teórico-analítica freudiana é fruto da observação clínica, e pesquisa sócio antropológica, sem com isso ignorar que a obra metapsicológica possui as marcas das vivências do seu autor. Antes de escrever *A Interpretação dos Sonhos* em 1900, o pai da Psicanálise, Sigmund Freud, já falara de suas vivências infantis, tratando da dinâmica relacional com o seu irmão, como é admitido para Fliess (em 3 de outubro de 1897, por meio de carta), tratando da morte do próprio irmão Julius:?

Tudo me faz crer que o nascimento de um irmão, um ano mais novo do que eu, havia suscitado em mim maus desejos, uma verdadeira inveja infantil, e que sua morte havia deixado em mim o germe de um remorso. (KAËS, 2011, p.25)

Na biografia de Freud, Garozzo (2004) relata as elaborações que o pai da psicanálise desenvolve em meio aos conflitos no seu complexo fraterno, não apenas com Julius, mas com os demais irmãos e irmãs, que marcam a primeira infância do pequeno Sig. Após a morte de Julius, o primogênito Freud busca a atenção de sua mãe enlutada, urinando em todos os lugares possíveis, e simula dores para conseguir o cuidado carinhoso dela. Volta a sofrer com o nascimento de Anna, sua mais nova irmã, enquanto que atribui a Phillip, seu meio-irmão, a causa de acontecimentos ruins, tornando-o alvo de pensamentos e sentimentos hostis, além de considera-lo mais apropriado para dormir com a sua mãe. Rufo (2003) afirma que a criança, ao ver a chegada de um irmão, considerado como um intruso, apresenta distúrbios psicossomáticos como queixa, fala com o corpo e por meio dos seus sintomas.

Lacan fala sobre o efeito socializante da interação com o outro ao tratar do drama do ciúme na situação triangular, que surge na chegada do irmão, a criança é tomada pelo sentimento de frustração; por outro lado, ela passa a compreender a diferenciação do real e do imaginário e no cerne familiar se desenvolve a mediação e o intercâmbio da realidade psíquica e da realidade grupal, incluindo o sujeito no seu contexto social e cultural.

Assim o sujeito, comprometido no ciúme por identificação, desemboca sobre uma alternativa nova onde se joga o destino da realidade: ou ele reencontra o objecto maternal agarrando-se à recusa do real e à destruição do outro; ou então levado a outro objecto qualquer, ele recebe-o sob a forma característica do conhecimento humano, como objecto comunicável, pois que concorrência implica por vezes rivalidade e acordo; mas ao mesmo tempo ele reconhece o outro com o qual se empenha na luta ou no contracto, numa palavra ele encontra por vezes o outrem e o objecto socializado (LACAN, 1938, p.49).

Dessa maneira, podemos considerar o complexo fraterno como parte constitutiva do aparelho psíquico (GOLDSMID/FÉRES-CARNEIRO, 2007, p.295). As autoras destacam a hipótese de Jaitin, “os irmãos, enquanto sujeitos reais, representam os primeiros brinquedos, os primeiros instrumentos de apropriação ou de utilização da realidade”.

Júnior (2003) considera o Complexo Fraterno uma variante do Complexo de Édipo, onde a rivalidade entre irmãos nasce na ambivalência de afetos e parte dos sentimentos hostis destinados para um dos pais é direcionado para o irmão, o qual é visto como usurpador do seu lugar, e divide com este a atenção dos pais. Devendo estar no conceito de complexo fraternal a explicação das relações marcadas pela rivalidade, caracterizadas pelos afetos, desejos, ciúmes, inveja e sentimento de posse. O comportamento invejoso seria todo ato desejoso da destruição do rival e/ou dos seus privilégios. Todavia, Lacan afirma que a identificação ambivalente proporciona a constituição do ego e diferenciação, ao mesmo tempo, e ao mesmo movimento, deste outro, onde “a inveja, em seu fundo, representa não uma rivalidade, mas uma identificação mental” (KAËS, 2011, p.34).

A origem do termo “*fratria*” nasce num contexto cultural em que a noção familiar pouco se referia a uma unidade ou consanguinidade exclusiva; a palavra *phrater* era usada na Grécia antiga para referir-se aqueles amigos que ofereciam sacrifícios aos deuses, e juntos se banquetavam, como afirma Berenguer (2007). A *Fratria*, neste contexto, refere-se desde o seu princípio, àqueles tidos por iguais, que

nutrem um laço identificatório entre si. Freud constata essa percepção de fratria em *Totem e Tabu* (1913), ao investigar e expor a constituição social e do psiquismo na fundação da civilidade.

Analisando os povos primitivos, Freud propõe em *Totem e Tabu* (1913) o mito da horda primeva. Mesmo que não tenha sido feita uma correlação com a mitologia grega, em relação a Zeus e aos demais deuses contra Cronos e os titãs, a conexão ao seu núcleo temático é nítida. Na obra, Freud aborda a gênese das civilizações, apresentando a opressão de um pai tirânico, que detém para si todas as fêmeas do grupo, rechaçando os demais machos e seus filhos de direitos iguais, atraindo para si a revolta unificada das forças da fratria. Em resposta, investem contra o pai, fazendo-o vítima do primeiro assassinato.

Assim diz Freud sobre a rebeldia dos irmãos, “odiavam o pai, que constituía forte obstáculo a sua necessidade de poder e suas reivindicações sexuais, mas também o amavam e admiravam” (FREUD, 2012, p.218). Após sua morte satisfizeram o seu ódio e concretizaram a identificação, originando a consciência de culpa, pelo arrependimento comum a todos. Esses irmãos se banqueteariam com o corpo do pai morto; vendo-se sem uma representação objetiva e física da lei, que era obstáculo para a realização dos seus desejos, encontram-se obrigados em adotar o tabu pela imposição fraternal, o “não matarás” deverá ser preservado para que nenhum dos irmãos possam desencadear outros assassinatos; sendo iguais, todos poderiam ser como o pai. Na obediência a *posteriori*, renunciaram às mulheres liberadas, mediante a consciência de culpa dos filhos, “os dois tabus fundamentais do totemismo, [parricídio e o incesto]<sup>3</sup> que justamente por isso tinham de concordar com os dois desejos reprimidos do complexo de Édipo” (FREUD, 2012, p.219).

Na gênese da religião primitiva, o animal totêmico é o “sucedâneo do pai” (FREUD, 2012, p.215), tem seu corpo devorado, ao passo que todos compartilham do mesmo alimento, tornando-se um com o pai, de agora em diante sempre presente. Freud destaca que no complexo paterno, a humanidade adquire a “ambivalência afetiva”, ou seja, a coexistência do amor e do ódio ao mesmo objeto, “um fenômeno fundamental da vida afetiva” (FREUD, 2011, p.238); a neurose obsessiva ressalta tal condição, porém tal ambivalência existe em maior ou menor grau, presente na constituição de todo indivíduo, e destina-se às “pessoas mais amadas” (FREUD, 2011, p.102). Tal

---

<sup>3</sup> Acréscimo nosso.

representação festiva dos sacrifícios existe em todos os povos, e é uma oportunidade de alegrar-se, para além dos próprios interesses, reforçando os laços mútuos, e com a divindade cultuada, ocasião em que todos comungam do mesmo alimento, comungam da mesma “substância” (FREUD, 2011, p.206-207).

Em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), Freud salienta e se remete ao estudo no contexto social, considerando a psicologia das massas anterior à psicologia humana. Retomando Totem e Tabu, associa as massas com a horda primitiva. Na alma de cada sujeito há a alma de muitos grupos, uma confluência que conceberia a subjetividade particular: “cada indivíduo é um componente de muitos grupos, tem múltiplos laços por identificação e construiu seu ideal do eu segundo os mais diversos modelos” (FREUD, 2011, p.92).

Kaës destaca o pensamento lacaniano de que a inveja é típica no Complexo Fraternal em virtude da agressividade que nasce da identificação narcísica alienante, e amplia a abrangência do Complexo Fraternal, presente antes mesmo do Complexo de Édipo, tomando a forma de um “triângulo pré-edípico”, em que o irmão poderá tomar o lugar do pai e assumir o lugar de um dos objetos parciais. Por outro lado, Kaës apresenta o Complexo Fraternal exercendo função rivalitária, no Complexo de Édipo, numa tríade entre Pais, Ego e Irmãos, consoante o pensamento de Jean Laplanche. Desta maneira, Kaës propõe um paralelo entre Complexo Fraternal e Complexo de Édipo, sem restringir-se à condição limitada de um deslocamento dos conflitos com os pais (KAËS, 2011, p.35-41).

Com isso, o irmão poderia assumir uma função transferencial dos sentimentos hostis edípicos, tomando a imagem deste como substituto da figura parental, embora o amor e o ciúme entre irmãos sejam diferentes do conflito edípico, como destacam Goldsmid e Féres-Carneiro (2011), porém a rivalidade fraterna facilitaria o manejo do conflito e frustração edípica, funcionando como um ensaio preparatório no enfrentamento do pai e/ou da mãe. No complexo de Édipo, os ciúmes seriam elaborados, ao lado da inveja, e a hostilidade é ressignificada, destinando-se aos rivais (pai e irmãos), produzindo um efeito de dispersão, facilitando a aceitação dos afetos, amenizando os sentimentos agressivos ao objeto original (mãe), contribuindo com a manifestação de sentimentos amorosos e gratificantes.

Além disso, as autoras afirmam que tal relação contribuiria na capacidade de brincar, lutar, amar, e competir de um modo protetor, uma vez que suas aptidões físicas, emocionais, e intelectuais seriam mais compatíveis, em relação a assimetria com os

pais. Dentro desta dinâmica, a subjetividade do filho é concebida, na medida em que pode-se sentir e conhecer os sentimentos e pensamentos de um outro, auxiliando na internalização e identificação das atitudes e expectativas parentais. Uma vez que “toda relação familiar duradoura envolve afetos, desejos e comportamentos em relação a todos e cada um de seus membros” (ELYSEU JR., 1996), compreendemos que a fratria fundamenta parte das bases saudáveis do desenvolvimento familiar; é nesse sentido que Kehl (2000) usa a expressão “função fraterna”, afirmando a necessidade de um outro semelhante no processo de tornar-se um sujeito dotado de uma única e própria personalidade.

A possibilidade de relacionar-se dentro do complexo familiar favorecerá a compreensão de igualdade, ampliando e sustentando a ideia do amar ao próximo, ou semelhante, diz Sawicke (2007). O autor remete-se a Lacan ao dizer que “somos filhos do discurso”, onde o sujeito será filho da relação com a sua identidade de origem. Dessa forma, a Fraternidade não decorre da aniquilação do pai, mas na massificação do amor ao pai, levando os sujeitos para a responsabilidade universal de igualdade, diluindo o Nome-do-Pai por meio da regulação do gozo. Com isso, a dualidade semelhança-diferença toma contornos nítidos, em que Sawicke nos aponta:

O termo ‘fraternidade’ diz, então, de um movimento, de um trabalho do sujeito que diferencia o outro de sua imagem e de sua origem, promovendo a relação necessária para que esse outro, sendo o mesmo, seja diferente. (SAWICKE, 2007, p.158)

Barcellos (2003) pensa fraternidade, no sentido psicológico, dentro do limiar da aceitação radical da diferença quanto para o rechaço paranoico do outro, abordando a relevância social, em que se aprende com os irmãos como nos relacionarmos horizontalmente. Na fratria ocorre o partilhar de uma mesma origem, de mesmos princípios, favorecendo a maturidade de lidar com a diversidade, compactuando a noção de nacionalidade, o sentimento de pertencimento, de uma ética no compromisso com os pares, seus iguais com suas distinções, ideias essas presentes pelo prisma histórico, por exemplo, nos ideais e conquistas da Revolução Francesa.

Afirmam Goldsmid e Féres-Carneiro (2011, p.775) que “nos casos de ausência dos pais, as relações fraternas se constituem, frequentemente, nas únicas duradouras”, como é notável no estudo com os Órfãos de Terezin, crianças encontradas no campo de concentração de Terezin, durante a Segunda Guerra Mundial, na então Checoslováquia, exemplificam as autoras. A relação horizontal fraterna, na medida do possível, havia

substituído a ausência da relação parental, dentro do grupo formado por seis crianças que perderam seus pais assassinados pelos nazistas. Elas foram observadas por Anna Freud e Sophie Dann, no berçário terapêutico em Hampstead, na Inglaterra, onde verificaram a ausência da rivalidade e agressão entre as crianças, além da desconfiança para com os adultos. As autoras, reportando-se a Losso (2001), prosseguem dizendo que a função fraterna compõe a estrutura das funções familiares, pela ajuda recíproca, na assistência no mesmo nível de igualdade, na defesa de direitos, proporcionando modelos identificatórios, diferentes dos pais, corroborando na elaboração de relações “suficientemente boas” na vida adulta. Conforme o pensamento de Winnicott, na sua obra *Tudo começa em casa* (1989), temos a figura materna, que em princípio é a responsável por sua alimentação, é esta também que protege e trata com afeição – não se limitando exclusivamente à mãe biológica, mas a todos quantos assumem esse lugar como substitutos, até mesmo os irmãos, como é costume em muitas famílias, onde os pais delegam o cuidar para um filho mais velho.

Contudo, os pais podem desenvolver a função fraterna, por meio de uma postura horizontalizada, desenvolvendo uma relação de paridade, como vemos nos jogos, nas brincadeiras, na atuação lúdica, aplicando-se especialmente nos casos de filhos únicos. A função fraterna é encontrada também na relação com primos, amigos, ou outras crianças criadas juntas, mesmo que não façam parte de um vínculo consanguíneo. Diante disso, encontramos o espaço da amizade, concebida como uma relação de irmandade eleita, sendo os amigos “os irmãos escolhidos”, na qualidade do fraterno enquanto semelhante (GOLDSMID & FÉRES-CARNEIRO, 2011).

A função fraterna propiciaria desde um grupo unânime na desobediência das regras impostas (conforme o modelo mítico), quanto a obediência comum dos irmãos aos pais, mediada por um dos filhos, na condição de cuidador ou substituto (geralmente, o mais velho), que auxiliaria moderando o “peso da Lei”, uma vez que considerariam a semelhança que há entre si, facilitando o reconhecimento das tarefas apresentadas, especialmente pelo lúdico, útil na transmissão e herança de valores e de suas origens, além do efeito de coação (GOLDSMID & FÉRES-CARNEIRO, 2011). Para Kaës (2011, p.44) o complexo fraterno tem uma existência independente dos laços fraternos, sem restringir-se aos filhos dos mesmos pais; conforme a literatura psicanalítica, a ideia de “irmão” se estende a qualquer membro de uma fratria, até mesmo aos filhos únicos.

Alfred Adler (um dos primeiros seguidores e dissidentes de Freud), destacou-se com sua teoria sobre a importância do contexto parental, sendo ele o primeiro a

relacionar personalidade com as posições parentais, ressaltando o lugar dentro da fratria, tipificando as características pessoais mediante a idade, sexo e número de irmãos, mesmo que tenha sido em linhas gerais (FERNANDES/ALARCÃO/RAPOSO, 2007).

Se de um lado temos uma teorização sobre a função fraternal, por outro lado, dispomos de uma epistemologia que confirma estatisticamente as afirmativas referentes a relação entre irmãos e a estreita ligação com o desenvolvimento da personalidade. A partir da teoria das constelações familiares de Tolman, Fernandes executa uma pesquisa que investiga como a personalidade é afetada pela relação fraternal.

No estudo desenvolvido em Portugal, constituído por 1.142 estudantes universitários, de ambos os sexos, com idade média de 21,8 anos, investigou-se as fratrias vividas, considerando apenas as relações próximas com os irmãos que viveram juntos durante toda a vida, ou boa parte dela. Investigando-se quatro grupos fraternais: filhos únicos, irmãos mais velhos, irmãos mais novos e irmãos do meio. Tomando duas hipóteses nulas, (1) a posição fraternal não é variável significativa na variável da personalidade dos sujeitos; e (2) não há diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos das quatro principais posições fraternais – considerando trinta facetas da personalidade.

Nos resultados apresentados as hipóteses nulas foram estatisticamente rejeitadas, além dos dados corroborarem com a teoria dos autores que tratam da temática. Foi possível constatar que os filhos únicos são menos amáveis do que os mais velhos e do que os mais novos, uma vez que não tiveram oportunidade de se relacionar com pares fraternais, tornando-os inexperientes emocionalmente, quando comparados com filhos que conviveram com irmãos mais velhos ou mais novos. Os irmãos mais velhos são mais obedientes ao dever, mais altruístas e menos hostis do que os do meio, o que pode ser explicado por assumirem a responsabilidade de detentores das normas e valores familiares. Por outro lado, os irmãos do meio, não possuindo um lugar claramente definido, à semelhança dos mais velhos e mais novos, tornam-se mais hostis e mais propensos às frustrações, acabam por ser menos altruístas em decorrência da centralidade em si mesmos que apresentam, refletindo as lutas que travam no meio familiar em busca de espaço e de uma identidade específica. Enquanto que os mais novos são mais amáveis do que os filhos únicos, e igualmente mais retos e complacentes do que os do meio, uma vez que possuem uma posição mais definida e apresentam menos tendências de manipulação.

As implicações na esfera social da relação fraternal são constatadas na pesquisa de Freitas (2013), que investigou a repercussão do divórcio no núcleo familiar, averiguando a vinculação aos pais e qualidade da ligação entre irmãos no desenvolvimento do processo de resiliência e bem estar psicológico. A pesquisa foi realizada, em Portugal, com 467 adolescentes, com idades entre doze e dezenove anos, e mostrou que as relações fraternais positivas contribuem decisivamente na capacidade de adaptação às situações adversas, tornando-os mais confiantes e seguros.

O confronto com uma série de sentimentos e emoções ambivalentes nas relações fraternas aprimora as competências sociais dos indivíduos envolvidos, que aprendem, desde logo, a conviver, a partilhar, a solucionar problemas (p.141, 142)

Além de sua pesquisa, Freitas (2013) recorrendo a outras investigações, aponta para resultados significativos na importância psicossocial do relacionamento fraternal entre adolescentes, que favorecem o bom relacionamento com os pais e apresenta o papel protetor que os irmãos desempenham em circunstâncias estressantes (YEH/LEMPERS, 2004; JENKINS/DUNN, 2007).

Diuna (2010) também comprova a relevância positiva das relações fraternais no seu estudo e experiência clínica com crianças internas no CTI Pediátrico. As crianças internadas experimentaram efeitos terapêuticos através dos laços fraternos com seus irmãos, dentro de um universo lúdico, durante as visitas; puderam retomar um ambiente amigável e de alívio de suas dores e angústias, expondo seu sofrimento com seu semelhante, criando uma relação horizontalizada, para além de um espaço hospitalar marcado pela dor. Por outro lado, os irmãos, não internados, desenvolviam distúrbios psicossomáticos decorrentes da preocupação com o irmão internado, para estes, as visitas desempenhavam uma função profilática.

A autora, reportando-se ao pensamento de Brusset, aponta para as implicações clínicas na ênfase das relações horizontais, como forma de resistência da intensidade dos conflitos edípicos. Diuna (2010) apresenta a constância e importância da temática fraternal nas contribuições dos trabalhos psicanalíticos, fazendo referências clínicas às obras e atendimentos de Freud e Françoise Dolto, perpassando os conflitos fraternais sob a forma da rivalidade, inveja, ciúme, identificação, fobia, e a relação entre narcisismo e sentido social, mediada por esse outro (DIUNA, 2010, p.19-21; 31-34).

A experiência clínica e as obras teóricas de Freud, Klein, Lacan e muitos outros, sustentam que a chegada do outro fraterno traz para a criança a questão da sexualidade dos pais, como diz, Kaës; em que a criança precisará reelaborar suas primeiras teorias

sexuais infantis. Assim o autor aborda a compreensão sexual pela criança, na perspectiva analítica:

A menos que ela se fixe em manter a ilusão de encontrar a unidade com a mãe, isto é, recusar a realidade do outro, a destruí-lo, ela é confrontada com a necessidade de reconhecer o desejo do outro, o da mãe pelo pai, o da mãe e do pai por um outro semelhante (2011, p.134).

Conforme Assoun, os irmãos podem projetar no outro do seu par fraterno suas fantasias incestuosas edípicas, substituindo a realização dos desejos destinados aos pais com o seu irmão ou irmã (ASSOUN; DIUNA, 2010, p.23). De acordo com Rufo, este desejo incestuoso pode ocorrer como resistência aos afetos edipianos, sob a forma de amores fantasmagóricos que marcam o inconsciente. Tal ligação pode ser a causa de relacionamentos instáveis com seus cônjuges até à fase adulta, uma vez que o amor fraternal se faz obstáculo, mediante a imagem idealizada do par fraterno tomado como herói (RUFO, 2003, p.97; KAËS, 2011, p.43). Em consonância à teoria freudiana, Kaës (2011), aborda os dois tipos de escolha do objeto amoroso: do tipo narcísico, como um duplo de si mesmo, amamos o que somos, o que fomos ou que gostaríamos de ser; ou a escolha dar-se-á pelo modelo do apoio ou sustentação, amamos o que nos nutre, o que nos protege. Assim, Kaës associa as escolhas objetais amorosas aos padrões de semelhança a si mesmo ou de apoio, duas características do complexo fraterno, que podem ser manifestos mais tarde, em ocasião da morte dos pais.

### **Considerações Finais**

Notamos poucas obras que tratam da temática do Complexo Fraterno, na psicanálise, quando comparamos a outras temáticas, por exemplo, o complexo edipiano. As referências ao Complexo Fraterno remontam desde as narrativas mitológicas, de diversas culturas, até as mais atuais produções contemporâneas, nos mais diversos autores, quer sejam dissidentes ou clássicos representantes psicanalíticos. Entretanto, ainda são escassas obras que apresentem contribuições sistemáticas da repercussão na clínica psicanalítica, embora estejam em andamento, como visto, em várias pesquisas averiguando e comprovando as implicações da fraternidade na subjetividade. Um olhar mais amplo para estudos e teorias que contemplem o Complexo Fraterno possibilitaria abordagens mais abrangentes nas psicoterapias, ao passo que se admite que esses fatores interferem na compreensão da dinâmica dos sujeitos e das famílias.

As implicações das relações fraternais na constituição do sujeito perpassam desde a compreensão da própria história, da história familiar a que pertencem, interferindo na forma como lidam com circunstâncias adversas, na abstração de valores morais e culturais, na interação social, alcançando até mesmo as suas futuras relações afetivas com seus cônjuges e filhos.

Há outros aspectos que merecem destaque ao tratar sobre o Complexo Fraternal, tais como a relação típica entre gêmeos, a temática da morte e assassinato no fraternal, uma maior abrangência da mitologia, dentre outros pontos. Todavia, o artigo se propôs a apresentar as principais características, tomando um panorama geral, dos assuntos centrais que permeiam a relação fraternal, e norteiam a maioria das obras consultadas.

A relação fraterna surge e se mantém por sentimentos ambivalentes, característicos do paradoxo da fratria – diferente e semelhante, amado e odiado –, e é por meio desse outro que surge uma identificação pela qual o sujeito torna-se singular. É através da relação fraternal que aprendemos a dividir dores e sabores, e compartilhar o que há de mais único, nossa história, nossos primeiros amores (os pais), nossas lembranças que nos marcam por toda vida. Ao contrário dos pais, cedo ou tarde levados pelo envelhecimento; diferentemente dos amigos, que partem e seguem o seu caminho; e até mesmo dos relacionamentos amorosos que surgirão mais a frente, a relação entre irmãos tende a ser a mais duradoura. Através das relações fraternais nos tornamos o que somos, a humanidade surge pela relação de irmandade, e nela construímos mais do que nossa história, pois é ali que a nossa identidade é forjada.

### **The Reflex of the Complex: Fraternity, Personality and Psychoanalysis**

#### **ABSTRACT**

In this bibliographic revision article, it will be analysed and discussed the already published works of psychoanalytic basis, resorting some theories and researches, about the vicissitudes in the relationship between brothers. Generally, in the psychoanalysis, we observe many contributions about the importance of the fraternal relationship in the constitution of the individual. However, the Fraternal Complex theme is many times presented as a less significant part before other themes, such as the Oedipus Complex. Currently we already dispose of many researches and theoretical works that deal with the way of how the fraternal relationship affects the personality of each member of a phratry. We consider the concept of Fraternity for beyond the blood ties, extending to every relationship in which is evidenced the fraternal function, including here the only children. This work traces back to the psychoanalytic thinking in the contributions of classical authors until the thinking of dissidents, where they all agree, each one in their

own perspective, about the relevance of the Fraternal Complex in the family dynamics, and thereby, in the development of the subjectivity of every individual.

**Key words:** Fraternal Complex. Oedipus Complex. Fraternal function.

## REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Gustavo. **Notas sobre a função fraterna**. Pedra Grande, São Francisco Xavier, Mar 2003.

BENGHOZI, R. & FÉRES-CARNEIRO, T. (2001). **Laço fraterno e continente fraterno como sustentação do laço genealógico**. In: Féres-Carneiro, T. *Casamento e família: do social à clínica*. Rio de Janeiro: Nau Editora, p. 112-118.

BERENGUER, Enric. **Fratrria e Nome-do-Pai**; Revista Opção Lacaniana nº 50. p.159-161, Dez 2007.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da Mitologia**: história de deuses e heróis.

CABRAL, Álvaro, pseud. de Antônio José Silva e Souza. **Dicionário de psicologia e psicanálise**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura. Pág. 286. 1971.

DIUANA, M.C. **Laço fraterno: um estudo a partir da experiência clínica na CTI Pediátrico**, 2010, 87 pág., Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica(PUC), Departamento de Psicologia do centro de teologia e ciências humanas da PUC. Rio de Janeiro, Fevereiro de 2010

ELYSEU JR., S. **Contribuições a uma teoria de personalidade**. Campinas: Alíne, 1996. 192 p.

FERNANDES, Otilia Monteiro; ALARCÃO, Madalena; RAPOSO, José Vasconcelos. **Posição na fratria e personalidade**. Estudos de Psicologia, Campinas, 24(3), 279-304, Julho-Setembro.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos**. São Paulo: Companhia das letras, 2011. Pág. 92. 1865-1999. ISBN 978-85-359-1871-7

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos** (1911-1914). 1ª ed- São Paulo: Companhia das letras, 2012. ISBN 978-85-359-2174-8

GAROZZO, Filippo. **Sigmund Freud/ Filippo Garozzo**. 2ª ed. São Paulo: Editora Três: Brasil21, 2004. 1) Os homens que mudaram a humanidade; 2) Bibliografia. Pág. (27- 32) ISBN 85-7368-817-3(obra completa) (Brasil 21) ISBN 85-7368-819-x (Brasil21)

GOLSMID, Rebeca; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha(2007); **A função fraterna e as vicissitudes de ter um irmão**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 13, n.2, p. 293-308, Dez 2007.

GOLSMID, Rebeca; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha(2011); **Relação fraterna: constituição do sujeito e formação do laço social.**

JÚNIOR, Eliseu Sebastião. **Complexo fraternal: A fonte do ciúme e da inveja.** Psicologia: Teoria e Prática- 2003,5(2):55-66

KÄES, René. **O complexo fraterno** / René Kaes; [tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth]. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2011. (Coleção psi – atualidades,13) Título original: Le complexe fraternel. ISBN 978-85-7698-097-1

KANCYPER, Luis. **Confrontação de gerações/** Luis Kancyper; tradução Ana Venite – São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. ISBN 85-7396-

KEHL, M.R. (2000). **Função Fraterna.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. 34-47.

LACAN, Jaques. **A família.** Tradução de: Brigitte Cardoso e Cunha; Ana Paula dos Santos; Graça Lamas Graça Lapa. Todos os direitos reservados para a língua portuguesa por ASSIRIO & ALVIM Sociedade Editorial e Distribuidora, Lda. LISBOA 1ª edição — Nov1978. 2ª edição Dez 1981

RUFO, Marcel. **Irmãos: como entender essa relação/** Marcel Rufo; com a colaboração de Christine Schilte; tradução Procopio Abreu. – Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2003. 270p. Tradução de Frères etsoeurs, une maladie d'amour. ISBN 85-209-1587-6

SAWICKE, Oscar. **Fraternidade e Nome-do-Pai;** Revista Opção Lacaniana n° 50. p.157-158, Dez 2007.

UBINHA, Paulo de Tarso; CASSORLA, Roosevelt Moíses Smeke. **Narciso: Polimorfismo das versões e das interpretações psicanalíticas do mito.** Revista Estudos de Psicologia, v. 20, n. 3, p.69-81, Set/Dez 2003.

WINNICOTT, D. W. (1989). **Tudo começa em casa.** São Paulo: Martins Fontes.